Reginaldo Ronconi
Denise Duarte

JOÃO FILGUEIRAS LIMA (LELÉ)

Crédito: Foto de Denise Duarte

Entrevista com o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima, o Lelé, gravada no Canteiro Experimental Antonio Domingos Battaglia, na FAUUSP, em 16 de agosto de 2006. Esse depoimento foi possível por ocasião da vinda do arquiteto Lelé à FAUUSP, para um evento inteiramente dedicado a ele, Lelé, na FAU, organizado pelos professores Hugo Segawa, Claudia Terezinha de Oliveira e Helena Ayoub, e pelas alunas da pós-graduação Gabriela Lima e Cristina Trigo.

Crédito: Foto de Luis Bargman

Reginaldo Ronconi: Professor, nosso objetivo é conversar um pouco sobre todo esse processo de formação do arquiteto, sobre a prática profissional e sobre a perspectiva que essa profissão ainda pode encerrar e apresentar. Acredito que isso engloba um universo de questões. Um ponto que talvez pudesse introduzir essa conversa é falar um pouco sobre como se dá a formação da postura profissional. O senhor pode abordá-la como preferir, a gente vai conversando.

Lelé: Inicialmente, creio até que me sinto muito à vontade dentro desse sítio que foi escolhido para fazer essa entrevista, esse espaço criado especialmente por Reginaldo Ronconi e que acredito fundamental para o exercício no ensino de arquitetura.

Penso que toda a formação profissional está sendo gradualmente distorcida, devido a uma amarração extremamente acadêmica do ensino, pela falta de laboratórios, pela falta de locais de pesquisa em que essas técnicas que a gente usa para construção do edifício possam ser testadas e onde os alunos participem disso. Dessa forma, acho essencial que esse laboratório tenha sido criado aqui na FAU, e tenha sido o local escolhido para essa entrevista; acredito ser muito importante.

Gostaria de falar até um pouquinho sobre isso. Eu vejo uma condição essencial para o ensino de arquitetura, até fiz uma pergunta para Reginaldo: por que os alunos não freqüentam esse espaço do princípio até o fim do curso? Penso ser uma situação que tem de ser corrigida. O Canteiro Experimental deve ser um espaço para os iniciantes e deve estar presente até para o fim do curso. O cotidiano do ensino tem de ser acompanhado por esse espaço. Os investimentos que vocês fizeram aqui precisam de constante alimentação, outros mais precisam ser feitos. Por outro lado, acredito que a universidade também possui uma responsabilidade muito grande nesse contexto da construção civil ter sido desenvolvida nos últimos anos de uma forma tão voltada para o lucro, para o lucro imediato, na qual a pesquisa fica completamente ausente.

O empreiteiro tem de ganhar dinheiro de uma forma imediatista, não pode pesquisar. De forma que quem pode mudar o mundo, a atuação da

construção civil, ainda é o poder público. A gente sabe que nenhum empreiteiro vai pesquisar porque não tem nenhuma reserva como existe em outras atividades de produção, não tem nenhuma reserva para essa finalidade. Falando um pouco, por exemplo, da questão colocada pelo Ronconi¹, sobre a minha formação profissional, das oportunidades que tive de exercer junto do canteiro, acredito que isso foi essencial; evidentemente, às vezes existem algumas distorções que a gente pratica devido ao excesso de informações intermináveis nessa direção, mas, por outro lado, creio ter sido essencial em minha formação. Isso deu justamente nessa coisa fundamental da prática de arquitetura, que é o trabalho em equipe. Eu estava colocando essa questão de trabalho solitário, trabalho em equipe. O trabalho do arquiteto é essencialmente em equipe. Creio que pensar o arquiteto como profissional solitário é um equívoco total. Esse laboratório, ao contrário, já induz, de antemão, a um trabalho de equipe no qual os técnicos participam, os arquitetos, os engenheiros também, existe toda uma equipe envolvida, a qual já faz com que o arquiteto e o estudante se sintam um pouco mais parte do trabalho desenvolvido em conjunto. Porque, evidentemente que nossa profissão, a profissão de arquiteto, é uma profissão generalista, ela não é uma profissão especialista. Então, para ser coerente, até para o desenvolvimento do dia-a-dia profissional, é preciso que esse trabalho seja feito a partir da universidade em equipe, isso tem de ser criado na formação do profissional de arquitetura, de uma forma muito bem cuidada. O trabalho é em equipe, não é um trabalho solitário, e a tendência do mundo tecnológico de hoje, com os veículos de comunicação, conduz justamente a um equívoco, a crer que, com um e-mail, a gente se comunica com o mundo inteiro. Sim, isso é verdade. Mas não da forma que a gente gostaria que fosse. Então, para o dia-a-dia do trabalho, para a discussão olho-a-olho, realmente é fundamental o trabalho em equipe. E justamente esse laboratório congrega essas atividades. Estávamos discutindo essa questão de certas pesquisas que podem ser estendidas para o mundo lá fora. Hoje em dia a gente não pode prescindir de um túnel de vento, vocês vão montar um túnel de vento, importante para você

estabelecer alguns parâmetros para construções mais leves, nas quais o vento é mais importante até do que a própria carga da gravidade, para essas coberturas solicitadas pelo vento. E isso é tão pouco explorado; estava dizendo que hoje em dia nós praticamos muito com a questão de vento, devido às coberturas que fazemos lá em nosso centro². Atualmente, contratamos serviços de Porto Alegre. Quer dizer, moramos em Salvador e contratamos serviços de Porto Alegre. Eu acredito que aqui também em São Paulo só tenha o IPT³ com túnel de vento. Então, contratamos serviços de Porto Alegre. Quer dizer, isso é uma deformação. Então acredito que o papel da faculdade de arquitetura é esse, de congregar essas atividades todas que vão ser muito importantes no desenvolvimento dos projetos da cidade como um todo, na universidade.

RR: O senhor fez duas comparações com tecnologias de manejo da informação: um e-mail evidentemente não revela um gesto, um olhar que você pode perceber pelo monitor, e o túnel de vento que tem sido substituído por simulações em computador, da mesma forma não considerando uma intuição sua durante a observação do ensaio. Isso nos leva a refletir sobre o quanto de preconceito carrega a visão contemporânea do que é técnica, menosprezando um fator muito importante: a sensibilidade que anda ali, passo a passo, com todo o desenvolvimento tecnológico do homem. Em sua palestra na escola, hoje, respondendo a um estudante, você utilizou uma imagem no mínimo preocupante: “como é que você vai esquecer seu passado, se talvez você nem tenha consciência dele?”. Gostaria que você, se pudesse, explorasse um pouco esse tema da sensibilidade como uma resposta a esse isolamento do rótulo técnica.

Lelé: Essa questão para mim é fundamental, cada vez estou mais convencido disso; esse instrumento sensacional, o computador, a gente não pode negar o prodígio que ele realiza, mas sem uma dose de intuição, quer dizer, a destruição de toda nossa bagagem atávica, vinda desde o homem das cavernas, usando as mãos para fazer seu registro cotidiano nas paredes das cavernas, então creio que isso é uma perda terrível. Uma das coisas que imagino

fundamental, assim para o desenvolvimento na formação do arquiteto, é você estimular a percepção para que eles consigam ler uma estrutura, e essa percepção está baseada na intuição, não há nenhum computador que possa fazer isso. Para se desenvolver essa percepção é preciso que a atividade não seja, primeiro, estritamente acadêmica, que seja como essa aqui feita no canteiro. Então, como o Ronconi estava dizendo: esse é um arco de 10 m x 4 m⁴, mas o aluno, com o uso do computador, está perdendo essa noção de escala. Antigamente lembro-me que a gente era obrigado a fazer exercícios de escala, tinha de saber o que era 1 cm, 2 cm e o que isso significava na prática. Os alunos se surpreendem por causa dessa dissociação, o monitor não tem escala, o monitor de computador, gradualmente, produz esse efeito nocivo – a perda da noção de escala, isso sem falar em outras coisas. Então, a perda da intuição para o ser humano é a destruição de uma bagagem incrível construída com tanta dificuldade por tantas gerações, e uma coisa predominante e mais importante para o ensino de arquitetura deveria ser estimular essa questão da percepção, e esse laboratório faz isso, quer dizer, se amanhã o estudante cria uma catenária, uma abóbada de tijolo, como aquela que eu estou vendo ali, ele cria essa percepção, quer dizer, a relação entre a matéria-prima, como isso pode se organizar, vencer um vão, o porquê do arco, e o monitor destrói isso; existem meninos, agora, que apertam o interruptor com o polegar de tanto mexer com jogos e vão acabar não sabendo mais como se usa o indicador; é lógico, estou fazendo um gracejo, mas dentro desse contexto as coisas podem ocorrer dessa maneira, seria a última distorção de nossos sentimentos, de nossa sensibilidade, de nossa emoção, então é fundamental essa questão que você colocou. É o desenvolvimento da percepção, é não perder a intuição. O ato primordial em qualquer trabalho de criatividade é deixar as informações chegarem à gente, mas não deixar que alguém resolva, não interferir em nossa intuição. Ela tem de ter liberdade total para criar os caminhos mais inteligentes. Imagine uma abelha precisando carregar aquela quantidade de mel para fazer uma colméia tão inteligente, não se perde nada dos hexágonos justapostos, isso ela

Crédito: Foto de Denise Duarte

Crédito: Foto de Luis Bargman

Crédito: Fotos de Luis Bargman

pós-
| 015

faz sem ninguém ensinar, porque muitas abelhas antes fizeram e imagino que muitas pessoas fizeram tantas coisas que a gente vê aqui, por que destruir essa consciência, afinal de contas atávica, por meio de um instrumento que, apesar de ser uma arma tecnológica incrível, até por seu poder tecnológico, seu *glamour*, por tudo que encerra, ela tem essa capacidade destruidora também, terrível? Não estou aqui desenvolvendo um tema contra o computador; ao contrário, ele é nosso aliado, mas tem de ser usado sem desprezar uma das coisas mais fundamentais de sobrevivência, sempre a intuição.

RR: Professor, creio que a gente vive mesmo uma tensão, nessa disputa do significado da palavra tecnologia, porque hoje a maioria das pessoas, ao falar em tecnologia, compreende como manejo da informação, e a gente está falando de um processo de memória e de invenção. O estudante, ao fazer um arco repetido já centenas de vezes pela humanidade, ele o faz pela primeira vez, e aí talvez seja a emoção do primeiro assobio, o primeiro andar de bicicleta e, sob esse ponto de vista da emoção e da sensibilidade, o que eu estava querendo provocar aqui, discutir um pouco, é sobre como a gente vai assumindo compromissos no processo de formação do desenvolvimento profissional porque, no fundo, se a intuição e a sensibilidade são tão importantes, não que a gente fique à deriva, mas sempre existem tensões na vida a obrigarem-nos a assumir posturas, compromissos e decisões, levando a crer que exista uma perspectiva nesse processo de formação, em um processo de atração profissional; se você pudesse contar um pouco para a gente como isso se deu para o Lelé, nessa sua trajetória...

Lele: É engraçado, acredito muito no destino e acredito também que as pessoas importantes as quais tiveram um trabalho às vezes bem orientado, me espelho muito, às vezes, no dr. Lucio Costa, no Oscar Niemeyer, pessoas que estiveram muito próximas de mim em toda a minha formação, sempre foram pessoas sábias, porque souberam selecionar as responsabilidades, as possibilidades, as oportunidades e usá-las com inteligência. Em meu caso foi um pouquinho ao contrário, porque eu fiquei muito à mercê do destino, fui

conduzido, não estou me queixando, pelo contrário, é o destino, desde o início de minha formação em Brasília, quando fui para a obra, para construir, fui conviver muito mais com os engenheiros do que com os arquitetos, então isso poderia ter significado até uma deformação profissional, talvez tenha sido um pouco, mas foi graças justamente a essa oportunidade criada pelo destino que me envolvi muito com as coisas do canteiro, e isso foi fundamental para minha formação, seja por bem ou por mal. Não estou pondo juízo de valores, foi fundamental uma coisa que, afinal de contas, foi oportunista, não-planejada, como às vezes se pensa; então, é claro que nessa relação, durante minha formação nos anos 50, havia compromissos éticos assumidos com profissionais que hoje estão sendo vilipendiados. Às vezes me sinto um pouco isolado; a questão da competição existente em nossa profissão a gente não cultivou antigamente, claro que sempre existiu, é próprio do ser humano, mas distorcidas como estão hoje, às vezes a gente fica procurando onde está a verdade, porque a mídia manipula, o que interessa é o *winner*, o vencedor, o sujeito não pode ser perdedor em hipótese nenhuma, essa competição desenfreada a qual o mundo de hoje estimula, às vezes, separa-nos um pouco desses compromissos éticos. Também é uma perda incrível, eu vejo o mundo muito pouco ético, em que às vezes a mentira predomina e a gente tem de resguardar-se disso, é uma coisa para a qual a universidade precisa contribuir na formação ética profissional, de a gente valorizar essas questões que, afinal de contas, foram construídas ao longo da sociedade, quer dizer, de repente essas conquistas foram esquecidas e perdidas, porque o mundo, hoje, desenvolve essa competição desenfreada.

Uma coisa de pouco tempo, lembro-me de um episódio chamado Lei de Gerson⁵ por causa de uma propaganda de um jogador de futebol; hoje, todo mundo faz isso, passou a ser uma coisa usual; antigamente, ainda há poucos anos, a gente criou uma certa reação contra a Lei de Gerson, de tirar vantagem em tudo, mas hoje todo mundo só quer tirar vantagem, então a gente não pode, a gente tem de preservar a universidade disso. Creio que no mundo no qual vivi, e formei-me, apesar de ser um mundo dos

anos dourados e pós-guerra, havia um compromisso maior com esses valores éticos que procuro preservar até hoje; às vezes, mesmo convivendo com ambientes tão degradados, cheios de corrupção, conforme convivi em minha vida profissional, procurei sempre me resguardar, por meio de uma ação assim, criando um senso de autocrítica muito correto, eficiente, para me reservar dessas coisas. É lógico, a gente sabe que o mundo às vezes cria essas alternativas, essa corrupção, mas a gente precisa tentar valorizar esses aspectos éticos que envolvem qualquer atividade profissional, então me parece ser uma coisa que procurei cultivar em minha vida profissional inteira, até não me expondo muito porque o ser humano é frágil, a gente sabe que quando se expõe muito, acaba envolvido com esses procedimentos, não aqueles que a gente gostaria de ter; o ser humano é frágil, precisamos manter essa coisa muito acesa para não cair nessa tentação do mundo competitivo de hoje.

Lelé: Só para essa explicação ficar um pouco mais eficiente, gostaria de citar, por exemplo, o caso das comissões, as quais arquitetos recebem das empresas que vendem, em vez de receber do cliente, porque ele é contratado por um cliente, tem de prestar um serviço eficiente, profissional, e ele recebe das empresas que fornecem os equipamentos. Isso é uma distorção horrível, já presenciei fatos desses e não entendo como nossa classe profissional aceita conviver com isso, é a mesma coisa que ocorre, talvez, na medicina, de o médico receitar um determinado medicamento, ou decretar um determinado diagnóstico caríssimo para proteger o fabricante ou o laboratório, e isso tem causado uma distorção enorme na medicina, inclusive se criam doenças existentes para justificar esses processos caríssimos. Antigamente, o médico que trabalhava muito na base da intuição era o clínico, o médico de família, que conhecia o histórico do paciente; ele fazia um exame clínico e, se necessitasse de algum exame complementar, para ter uma informação mais fiel, realmente esse exame era requisitado, mas não fazia o contrário. Essa distorção que o mundo capitalista cria precisa ser combatida, em nosso meio profissional ela tem de ser combatida, a gente não pode aceitar que um

profissional receba do fornecedor em vez de receber de quem o contratou.

RR: Há uma relação de confiança que foi quebrada...

Lelé: Claro, é uma relação quebrada e é impossível conviver com isso; chega no limiar, o profissional parece estar defendendo o interesse do fornecedor e não do cliente, porque eles entram em conflito, um está querendo tirar lucro em cima do outro; então ele vai defender quem? Vai defender quem está querendo lucrar, é complicado, é uma relação ética impossível de ser sustentada.

RR: Hoje, em sua palestra, teve um momento que você falou ... “até que uma grande construtora me chamou para trabalhar lá, não aceitei, não porque creio que o meu negócio não é esse.”

Lelé: É.

RR: Deu-me a impressão que existia aí, não sei se na época já era uma opção, de um caminho ou vislumbrando um caminho de compromisso com uma forma de atuação; a minha impressão está correta?

Lelé: Está, acredito que sim ... claro, por mais que aquilo fosse sedutor, ele me oferecia uma perspectiva de poder fazer trabalhos profissionais incríveis, sempre com o apoio de uma empresa tão rica quanto era aquela no momento, mais aquilo não fazia parte de meu leque de aspirações, realmente não, nasci muito para o setor público, sinto-me uma pessoa do setor público, alguém com essa liberdade de não estar mexendo com lucros; não que eu seja contra a iniciativa privada, convivo muito bem com a iniciativa privada, mas a gente tem de respeitar também um pouco nossas convicções e nossa maneira de ser feliz, cada um tem a sua. Essa negação foi muito mais uma questão pessoal, não que eu reprove um colega o qual, de repente, adotasse essa posição, é uma posição pessoal, de aspiração pessoal, ela não encerra nenhuma crítica aos que fazem de forma diferente.

RR: Mas ela trouxe a opção pela ação no setor público.

Lelé: É.

RR: E em sua obra a gente vê que é uma ação crítica, uma ação reflexiva, propositiva, muitas vezes olhando, inclusive, as normas técnicas,

Hospital Sarah Kubitschek, Fortaleza-Ceará
Créditos: Fotos de Denise Duarte

Hospital Sarah Kubitschek,
Brasília, Lago Norte-DF
Créditos: Fotos de Denise Duarte

procurando superá-las, ou seja, fugindo daquela figura do funcionário público que abandona o casaco sobre o encosto da cadeira e aparece no final do dia, tendo trabalhado o dia inteiro em seu escritório. Há pouquíssimo tempo, menos de um mês, assisti a uma entrevista do Campos da Paz.

Lelé: Sei, Aluísio⁶.

RR: Falando sobre como foi a opção dele...

Lelé: Na área médica.

RR: Na época da criação da Rede Sarah ele propunha que os médicos da rede trabalhassem em período integral, e possuía uma clínica de referência internacional. Não me lembro mais quem era o ministro da Saúde, na época: “Não, Aluísio, você pode continuar com sua clínica”, e ele disse “não, como eu posso comandar, se eu falsear minha proposição?”

Lelé: Lógico.

RR: Fechou a clínica dele e foi ser médico em período integral lá. Quando eu ouvi essa frase, pensei: bom, agora entendi tudo. O trabalho do Lelé e o Aluísio montando isso, um hospital do maior nível com arquitetura premiada internacionalmente, ação essa que configura um outro perfil de funcionário público. Eu queria que você falasse um pouquinho sobre essa atuação política propositiva; quais são as tensões a envolverem essa opção?

Lelé: Veja, sempre atuei no setor público; mesmo aí essa perspectiva que você colocou... põe um paletó lá, bate o ponto, estamos muito bem por aí. Mas na época de estudante eu já era funcionário público, fui funcionário público a vida inteira e, claro, que convivi com esses problemas, convivi com toda essa deterioração de certo período no setor público, mas isso não quer dizer que a gente, de repente, não consiga ver o setor público de uma forma diferente, até pelo contrário, os exemplos considerados reprováveis a gente não adota, segue outros caminhos, mas é preciso manter essa chama do setor público, o país precisa desse setor, um setor público eficiente, forte, a sociedade precisa disso. Ninguém está negando a iniciativa privada, e o engraçado é que nessa minha oportunidade profissional tive um pequeno momento quando houve a revolução de 1964 e fui obrigado a abdicar do setor público, fui demitido, demitido da Universidade de Brasília

ou, por outra, pedi demissão espontaneamente, pois não dava mais para conviver com aquilo, e nesse período fiquei afastado, mas foi um período curto; assim que a sociedade me aceitou de volta, eu voltei a ser servidor público, então isso é um mal de nascença. Essa convicção, desde a formação, de sempre ter sido um servidor público, assim que pude, desmanchei meu escritório e voltei a ser; hoje não tenho meu escritório, meu escritório é o da Rede Sarah; não tenho, não me faz falta o escritório profissional, porque dentro da rede eu consigo desenvolver meu trabalho profissional, ele deixa-me feliz, e o fundamental é isso. Veja, faço uma distinção muito grande, gostaria de reafirmar que não existe nenhuma crítica ao setor privado, acredito que o setor público é fundamental, ninguém faz o que se faz na universidade, essa pesquisa a qual está sendo feita aqui, esse estímulo ao estudante, de entender as coisas de canteiro, não é a iniciativa privada que vai fazer isso; você vê, não tem nenhuma faculdade de arquitetura criada nesse Brasil afora, com um laboratório desse tipo; nenhuma... aponta-me uma? E a USP tem. Assim, claro, se a USP servir de referência, muito bom que as outras sejam obrigadas a criar, mas precisa ter essa referência e quem dá a referência é o setor público. Ainda somos um país, pode ser que um dia sejamos multinacionais, mas no momento ainda somos um país que se necessita preservar com patriotismo, acostumei a cantar o Hino Nacional, sou brasileiro, gosto de ser brasileiro, então não quero abdicar disso não; o setor público tem de manter-se vivo, porque é uma ligação estreita com a idéia de pátria. Nós estamos destruindo todos os valores culturais hoje; antigamente era tão bom você viajar e ter contato com outras culturas, de repente você toma coca-cola em qualquer lugar, tudo ficou tão globalizado, e isso é uma perda enorme, perda de percepção. O setor público tem uma obrigação de manter viva nossa memória; é uma obrigação, nenhum setor privado vai fazer isso; faz por conveniência, por causa, às vezes, até de um imposto que não vai pagar, enfim, mas é por conveniência, não por opção real de consciência, tenho certeza que não é, e o setor público precisa ter essa obrigação. Minha ligação com o setor público vem desde minha formação. Também fui

formado em uma época na qual se exigia muito patriotismo, havia toda aquela coisa meio fascista do Getúlio, mas a gente cantava o Hino Nacional, desfilava todos os dias, tinha a Semana da Pátria, essas coisas que a gente aprendeu a cultivar, depois é muito difícil... essas coisas que se aprende quando se é jovem ficam entranhadas, é difícil jogar fora.

RR: Essa sensação de qualidade, de cidadão, que sua fala nos transmite, é expressa em seus projetos; a Rede Sarah é uma referência não só pela prática da medicina, mas uma referência espacial. Uma frase sua muito bonita é: “penso no paciente, no ser humano fragilizado que procura um hospital”, e aí é o arquiteto pensando de maneira tão ou mais abrangente que o próprio médico. É uma referência positiva. Mas a referência negativa também se estabelece na hora em que a gente pensa, por exemplo, na habitação social do Brasil, na qual o trabalho de projeto (na maioria das vezes) despreza completamente a natureza, o sítio... o poder público não age criticamente. Essa resistência que vejo em sua obra, de forma explícita, e aparece também em sua fala... ela acredita em uma transformação, ou na possibilidade de uma transformação e na contribuição da arquitetura para isso. E sua formação é de um homem livre, no sentido de forte, de emancipado, até pelo que você começou a falar: “talvez tenha tido uma deformação de ter ido muito para a técnica”, ou, mais no fundo, isso o fortaleceu, emancipou profissionalmente. Como você vê essas questões no processo de formação do arquiteto e na responsabilidade do professor que atua na graduação?

Lelé: É, eu fui professor muito tempo, sabe? Quer dizer, não foi tanto tempo assim porque fui alijado lá com a revolução, mas de qualquer maneira a Universidade de Brasília foi um embrião de muitas coisas revolucionárias que se podia fazer no ensino. O Darcy Ribeiro foi uma pessoa incrível, convivi com ele, fomos muito amigos, aprendi tanto com ele... era uma pessoa impetuosa, audaciosa, envolvente, com todas essas qualidades de liderança. Sou uma pessoa muito tímida em relação ao processo, sempre me considerei mais um soldado, nunca uma liderança efetiva, e o Darcy era, como é o Oscar, por exemplo, um líder autêntico. A questão do

ensino para nós, na Universidade de Brasília, foi um aprendizado em pouco tempo, de muitas coisas as quais eu não imaginava que o Darcy já estava germinando com Anísio Teixeira. Tive um contato muito estreito com Anísio Teixeira, figura fantástica, figura inimaginável. Ele foi um educador por natureza, assim com uma visão humana, incrível. A Universidade de Brasília, como eu disse, foi um embrião de uma coisa revolucionária que aconteceu em partes e fiquei muito orgulhoso de fazer parte desse grupo, de forma que absorvi essas coisas do ensino com muita intensidade. Foi uma frustração terrível quando tive de sair da universidade, porque estava envolvido naquela coisa do ensino, uma das coisas que a gente tentava fazer lá, e o Darcy via isso como algo muito importante: criar uma fábrica para produzir pré-fabricados para a cidade, e chegamos a assinar um convênio com a Iugoslávia, imagina... quando ouvi o terremoto, para refazer o projeto com obras, e isso envolvia todo o grupo da universidade. A idéia de ter esse canteiro em ebulição a qual atuava no ensino, com a atividade profissional, foi intensa, e o Darcy fez isso em todos os níveis, aproveitando algumas experiências que já se realizavam no Brasil, em Campinas, em alguns locais, foi uma coisa efervescente, e o ensino me cativou de tal forma, que fiquei sonhando sempre, depois fui um pouco professor na Universidade de Goiás; nesse período fiquei afastado, fui anistiado em 1989 e retornei à universidade, mas já foi em um período no qual logo depois me aposentei. Mas essa questão do ensino eu vejo com muito cuidado, sabe? Realmente, a Universidade de Brasília construiu um sonho que não se realizou, o qual trago comigo esses anos todos – era um sonho de Anísio, um sonho de Darcy, do qual fomos co-participantes naquela ocasião, eu e muitos outros professores importantes. O Darcy conseguiu essa coisa fantástica de trazer cientistas que estavam na Suíça, de volta para o Brasil, em todas as áreas: Cláudio Santoro, muito bem na Alemanha, essa coisa sedutora que o Darcy tinha, conseguiu trazer Cláudio Santoro de volta para o Brasil e a universidade congregou toda essa elite intelectual espalhada pelo mundo afora, ele trouxe de volta, e foi um momento de criatividade incrível, sabe, em todas as áreas. Você vê, por exemplo, essa

dificuldade que está se tendo aqui de montar um laboratório, lá não era um laboratório só – isso tudo, com a área de tecnologia, era uma fábrica que ia produzir uma industrialização da construção no Brasil para a Iugoslávia. Darcy sempre foi uma pessoa excedente, ele excedia para todos os lados, mas essa coisa foi muito importante, para mim fundamental, eu era muito jovem quando fui incorporado à Universidade de Brasília e isso foi essencial para o que trago até hoje como o sonho do ensino.

RR: Sinto hoje que a universidade olha a graduação, vamos dizer, com um pouco de desleixo, com um valor talvez menor do que, de fato, ela tem, e privilegia muito, e justamente é importante a atividade de pesquisa. Mas dos 150 jovens a entrarem aqui por ano, não são todos que vão se dedicar à pesquisa e atuar na sociedade nos mais diversos segmentos. Então, como era essa motivação do trabalho na graduação que você acabou de dizer? Como era exceder o pensamento, da forma como Darcy fazia?

Lelé: Claro, lógico, a gente crê que toda formação, do doutorado ou do mestrado, proporcionam essa oportunidade de você desenvolver uma determinada tese, em uma determinada área, é importante, mas a formação é fundamental, não adianta ter uma formação complementar de mestrado ou doutorado, se você não tiver uma formação sólida e isso, no Brasil, infelizmente está sendo muito desvalorizado no momento, principalmente com a proliferação de faculdades de arquitetura, às vezes muito mal-aparelhadas e sem uma consciência crítica dos problemas envolvidos; isso é muito ruim para o ensino de arquitetura, o qual está sendo muito degradado. A base, a formação está sendo vilipendiada, não diria um pouco esquecida ou desvalorizada, ela está sendo vilipendiada, principalmente nas faculdades particulares. Isso não quer dizer, por exemplo, que em alguns episódios, como o Ciro Pirondi, na Escola da Cidade, com a Anália⁷, eles estão fazendo um trabalho muito bom. Não quer dizer que a iniciativa privada de repente seja desqualificada, não, não é isso, mas essa visão da formação como lucro, exclusivamente como lucro, leva a essa distorção, o sujeito quer ganhar dinheiro. Existe exemplo de profissional,

que conheço muito bem lá em Salvador, o qual foi se dedicar ao ensino, tem uma formação muito ligada ao ensino e, de repente, começou a reprovar alunos, e o diretor da faculdade chamou-o e disse: “olha, ou você não reprova ou então você vai ficar reprovado”, e ele preferiu ser reprovado, deixou de ser professor, porque o aluno tinha de passar, porque era necessário para manter a universidade... isso é uma distorção horrível, que, evidentemente, acontece, todo mundo sabe que acontece.

RR: O senhor já falou tantas vezes sobre o processo, sobre a mudança do processo e falou com uma simplicidade dos próprios erros, que comoveu e deixou tão à vontade os estudantes, que chegaram até a perguntar por que seu apelido era Lelé⁸. Essa visão de processo o qual aceita o erro, e reconstrói a partir dele, talvez pudesse ser algo importante de a gente conhecer.

Lelé: É isso, eu realmente gostaria de falar pouquinho só sobre o assunto. Creio que, sempre, nós, como qualquer outro profissional, temos de ser colocados à disposição da sociedade. Existe uma demanda na sociedade e o profissional só se realiza quando cumpre essa demanda. Em meu caso, por exemplo, que frequentei até uma universidade pública, todo meu ensino foi gratuito, a sociedade investiu, foram os impostos pagos por alguém, para criar essa oportunidade de tornar-me profissional, então tenho de respeitar isso, quer dizer, a sociedade precisa exigir no que devo contribuir para uma melhoria na minha área das comunidades urbanas, principalmente. A questão da atividade profissional do arquiteto não se esgota nunca, por isso chamo de processo, envolve os tropeços, os erros, o sujeito cai, levanta-se, vai, e é um processo, e às vezes em um mesmo prédio. Por exemplo, em obra de um prédio de 1964, no caso uma empresa de Brasília, até hoje o cliente sempre me solicita, acabei sendo uma pessoa que não cobra os projetos, faz tudo de graça, estou disponível para ele, nunca cobre um projeto, fiquei quase como uma pessoa da família, que ele solicita quando precisa. Mas realmente essa questão de nossa atividade profissional não se esgota no desenho porque, aliás, há uma tendência enorme de o sujeito acreditar que fez um desenho e cumpriu

sua missão; não, o desenho é um dos degraus, temos de brigar até chegar à ocupação e à vivência do espaço. Quantas vezes a gente precisa corrigir. Hoje, por exemplo, na Rede Sarah, aquilo lá é um laboratório e a cada dia os espaços são corrigidos, às vezes, por erros, e, às vezes, até por evolução da própria tecnologia que exige uma flexibilidade maior no uso. Mas entendo isso como processo e, às vezes, também, como decorrência; no decorrer de um projeto, você se confronta com situações até políticas que envolvem uma mudança de atuação; de repente aquilo que era lógico, certo, passou a não poder ser executado, e você precisa se ajustar, ou você não quer saber mais, e não é assim. Se você criou uma responsabilidade, você necessita conviver com ela, a não ser em um episódio assim tão grotesco, como foi no caso dos CIACs⁹, dos quais participei. No período CoLeléor, não sei se vocês se lembram, a coisa envolvia corrupção, e senti que ali não havia mais espaço para eu atuar e saí, como saí de outras situações. Mas enquanto houver aquela esperança, que tem de haver, continua havendo com o ser humano, apesar dessa destruição toda da natureza, apesar das guerras que a gente vê, apesar desses massacres, apesar disso tudo, o ser humano não pode perder a esperança, e ela envolve um compromisso que cada um de nós precisa assumir com a sociedade, com sua visão crítica; essa consciência crítica é fundamental, a gente só se realiza quando cria uma consciência crítica capaz de, realmente, confrontar com essas distorções que envolvem nosso dia-a-dia. É fundamental, para mim é fundamental. A arquitetura é um processo, não um desenho, arquitetura é essa convivência que vai ocorrer durante muitos anos; em meu caso, estou citando esse projeto, mas existem muitos outros a envolver essa convivência, desde o primeiro desenho até a modificação que acontece no decorrer dos anos.

NOTAS

- (1) Durante a série de palestras ministradas por Lelé na FAU, muito se comentou sobre a atividade de desenvolvimento tecnológico que ele realiza, aproximando-a da perspectiva de pesquisa aplicada.
- (2) CTRS – Centro de Tecnologia da Rede Sarah, em Salvador - BA.
- (3) Instituto de Pesquisas Tecnológicas do Estado de São Paulo.
- (4) O arquiteto se refere a um dos exercícios realizados no Canteiro Experimental: um arco de madeira laminada pregada.
- (5) Propaganda na qual um jogador chamado Gérson escolhia uma marca de cigarros e afirmava ser preciso levar vantagem em tudo. A atitude de levar vantagem em tudo ficou conhecida como “Lei de Gérson”.
- (6) Aluísio Campos da Paz, médico idealizador da Rede Sarah.
- (7) Arquitetos Anália M. M. C. Amorim e Ciro Pirondi, respectivamente a presidente e o diretor do Núcleo Escola da Associação de Ensino de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo, a Escola da Cidade, São Paulo, capital.
- (8) O apelido faz referência a um jogador do Vasco, apelidado Lelé, que jogava na meia direita, mesma posição na qual jogava o arquiteto João da Gama Filgueiras Lima.
- (9) CIAC – Centro Integrado de Apoio à Criança.

Reginaldo Ronconi

Professor dos cursos de graduação e pós-graduação da FAUUSP. Criador e coordenador do Canteiro Experimental Antonio Domingos Battaglia.

Gravação e transcrição: Laboratório de Vídeo da FAUUSP (VIDEOFAU)

Edição: Denise Duarte e Reginaldo Ronconi